

ISSN 0101 708X

GBOLETIM GOIANO *de* Geografia

INSTITUTO DE ESTUDOS
SÓCIO-AMBIENTAIS/GEOGRAFIA

VOL. 23 - Nº 1 - JAN./ JUN. 2003

Resenha

RESENHA

LIVRO: CONRAD, JOSEPH. *O CORAÇÃO DAS TREVAS*. TRADUÇÃO DE CELSO M. PASCIORNIK. SÃO PAULO: ILUMINURAS, 2002. [TÍTULO ORIGINAL: *HEART OF DARKNESS*].

AUTORA: *Maria Lemke Loiola**

Por que ler um clássico? Eis uma pergunta que merece considerações. Os romances de época são fontes imprescindíveis para entender o contexto de um período histórico. Refletem a visão de mundo do autor e a realidade que o circunda. Dentro dessa perspectiva, *O coração das trevas*, escrito por Joseph Conrad há cem anos, ilustra, em 187 páginas, a corrida imperialista do século XIX no Congo – país africano hoje devastado e miserável, com milhões de indivíduos morrendo de fome e ignorados pelas potências econômicas mundiais que provocaram historicamente essa desigualdade.

Ucraniano naturalizado inglês, Joseph Conrad foi marinheiro por muitos anos antes de escrever seu primeiro romance. Numa viagem ao Congo, também em um barco a vapor, como seu protagonista, deparou-se com a barbárie do colonialismo britânico. Conrad foi profundamente influenciado por essa viagem ao escrever *O coração das trevas*. Suas obras têm como característica a reflexão sobre o homem e seus valores, questão muito presente neste livro.

Esta obra não é apenas a saga do capitão Marlow no Congo, mas uma oportunidade de compreender a visão de mundo construída diante do diferente, do não-europeu. O périplo é narrado num barco, sobre o Tâmis, no coração do imperialismo, no mundo da razão, do não-sentimento. Traz à cena um certo capitão e seu encontro com um mundo bárbaro, desconhecido, de riquezas, de civilizados gananciosos à caça de marfim, de canibais selvagens, de trevas, um mundo que revela grandes surpresas ao leitor.

Antes de partir para o Congo, o protagonista se depara com novas concepções de ciência e desenvolvimento, sobretudo na medicina a serviço da expansão econômica, em que a medição de cérebros é usada para explicar supostas diferenças entre europeus e não-europeus e, assim, justificar a dominação dos segundos pelos primeiros. O capitão Marlow parece ter o perfil da

* Graduada em História pelo Departamento de História da Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal de Goiás. E-mail: marialemke@

empreitada camuflada no altruísmo, uma aquisição formidável para a companhia exploradora. Esta o coloca na condição de mercadoria, tal como observou Marx acerca do trabalho na dinâmica do capital.

A exploração da África pelo expansionismo capitalista é provocada por guerras que, conforme Mello (1999), não eram guerras dos povos e sim das contradições do capital, com o patrocínio dos Estados europeus, sob o pressuposto do progresso. Tais ataques – como o dos franceses, narrado por Marlow – não somente reconfiguraram os mapas, mas também modificaram o modo de vida de milhares de homens e mulheres, expropriando-os de sua condição milenar, alicerçada num sistema de crenças incompreensível ao europeu. Desta forma, o Estado burguês legitima a exploração do trabalho e as guerras do progresso contra a barbárie. Trata-se de uma espécie de mentores do imperialismo se apropriando de corações e mentes para a reprodução do capital.

Essa apropriação segue por rotas preferenciais, evidenciadas nas estradas de ferro, expressão do progresso imposto aos povos “bárbaros”, deixando entrever a tentativa de dominação da natureza. Essa mesma natureza, no entanto, resistia na escuridão, nos rios traiçoeiros e no costumes canibais, nas flechas que enfrentavam as *winchesters* no domínio das trevas, quando lançadas da mata escura em noites de feitiçaria; os costumes e os modos de viver e trabalhar dos “bárbaros” eram vis na visão determinista: o clima quente e úmido favoreceria a exasperação e a perda da moral e da ética.

Ah! o trabalho! Esse, sim, tiraria esses povos do atraso em que se encontravam. A pretensa filantropia européia camuflava a espoliação das riquezas, deixando o vírus da vida cronometrada, o cansaço, o *stress*, a fome e a morte. O que realmente contava para os europeus era escoar a produção não mais comportada na Europa.

Mas, para Marlow, importava cumprir sua missão. Procurar um certo Senhor Kurtz, uma busca que trará mais questionamentos que respostas. Encontraria novamente a civilização ou estaria perdido no coração das trevas? Ou Marlow perceberia as trevas? Que relação paradoxal haveria entre a busca do branco marfim e o coração das trevas?

A saga de Marlow e Kurtz traz a visão européia dos valores, ou a falta deles, no contexto do imperialismo. A percepção de Marlow não abrange apenas o homem que vê o progresso, mas as implicações deste em outra cultura,

a tormenta da alma humana ao deparar com uma realidade distinta da idéia de civilização conhecida. É a luta contra a banalização de tudo, contra a selvageria desagregadora da selva de pedras urbana, contra o sofrimento do ter para ser.

O *coração das trevas* mostra como se deu – e se dá –, de forma paradoxal, a diminuição da noção de tempo e espaço sob o discurso do progresso, o aumento do fosso entre ricos e pobres, a perda dos escrúpulos e a instalação das trevas no coração dos homens. Essa realidade vem à tona através das duas faces de Janus, da crueldade e do horror misturados à trágica beleza de conhecer-se. Trata-se de uma viagem, uma reflexão psicológica vinda aos confins da consciência humana, da exteriorização do *alter ego* de Conrad.

O livro capta mais um momento de exploração da África: o momento em que se consolida a era dos impérios, como escreveu Hobsbawm. Metaforicamente, uma realidade expressa nas últimas palavras de Kurtz: “o horror, o horror!”. Basta olhar para percebê-lo... e nada se faz!

Seria esse título uma sátira ao ideário *Ilustrado*? Seriam as trevas no coração dos indivíduos ou no coração do capital? Do coração das trevas às trevas do coração? Dificilmente se saberá; cabe ao leitor descobrir.

REFERÊNCIAS

HOBBSAWM, Eric J. *A era dos impérios (1875-1914)*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MELLO, Alex Fuiza de. *Marx e a globalização*. São Paulo: Bom Tempo,